

Istoé

4/7/1984

Mais um fôlego para o gato

Cerca de trezentos bóias-frias formaram uma longa fila, antes do primeiro almoço do dia, por volta das 6h30m, na segunda-feira da semana passada, diante dos canaviais da Destilaria Santa no município de Barrinha, distante 40 quilômetros de Ribeirão Preto. Pela primeira vez, eles trajavam uniforme de trabalho — um conjunto de calça e camisa em cor azulão, que contrastava fortemente com o verde das plantações e o avermelhado do solo — e recebiam um a um o facão e a lima para afiá-lo. Até então, esses bóias-frias pagavam com seu dinheiro esses instrumentos de trabalho e improvisavam uma vestimenta que os protegesse da rudeza da tarefa de cortar a cana.

A iniciativa de distribuir o material partiu de Walter Nicolini, 34 anos, o mais bem sucedido "gato" da região denominação agressiva conferida pelos bóias-frias aos empreiteiros de mão-de-obra que os agenciam para o trabalho nas lavouras. Acabava de ocorrer um passo pioneiro para tornar real o inédito Acordo de Guariba. "Estou-me prevenindo contra futuras greves, quem vai na frente bebe água limpa", explica Nicolini, sem dourar sua atitude com propósitos altruístas, mas de qualquer forma revelando que mesmo os "gatos" precisam adaptar-se à nova realidade se desejam sobreviver ainda alguns anos num sistema de produção que aos poucos vai dispensando seu trabalho.

Aos 13 anos de idade, Nicolini começou a cortar cana, como os demais adolescentes da região. Nessa época, em 1963, o trabalho era ainda mais duro: a cana devia ser cortada crua e não queimada previamente. Já adulto, ele chegava a cortar até 20 toneladas de cana, uma performance rara para o ramo. Em 1973, juntou umas economias, recebeu ajuda da fazenda onde trabalhava e comprou seu primeiro caminhão. De bóia-fria, passou a "gato", contratando e conduzindo diariamente algumas dezenas de trabalhadores à lavoura.

Em uma década, sua prosperidade foi fulminante, hoje ele dirige um pequeno império em Barrinha, formado por uma frota de trinta caminhões e dois ônibus, e contrata o serviço de 1.700 bóias-frias para o corte de 9 mil toneladas diárias de cana. Nicolini recebe 2.460 cruzeiros das usinas por tonelada, para 1.700 ao bóia-fria, outros 360 de encargos sociais. Os 400 cruzeiros restantes cobrem suas despesas administrativas e o lucro pessoal. Feitas as contas de movimentação mensalmente 553,5 milhões de cruzeiros, sem dúvida um número surpreendente para quem era cortador de cana há dez anos atrás e que lhe permite, por exemplo, morar numa casa imponente que destoa da pobreza geral de Barrinha.

O espírito empreendedor e a capacidade de adaptação de Nicolini parecem ser exceção nesse ramo de atividade. O "gato", em geral, é um conservador, desconfia das novidades e resiste a todas as tentativas de modificar o seu pequeno mundo profissional. Antônio Cândido Coutinho, 39 anos, por exemplo, opera em horizontes mais modestos. Desde 1980, ele dirige em Pitangueiras uma pequena firma de contratação de mão-de-obra, que no período de safra assina a carteira de não mais que trezentos bóias-frias, transportados aos canaviais em dois caminhões de sua propriedade e em outros três alugados a terceiros. O contrato de trabalho dura de seis a sete meses por ano e Coutinho reclama da presença dos políticos que agitam as assembléias dos bóias-frias em Pitangueiras, há quinze dias. "No período de entressafra, ninguém vem aqui defender o trabalhador", dispara ele. Coutinho costuma criticar também os bóias-frias, que no seu entender são perdulários e imprevidentes. "A maior parte não sabe economizar, eles gastam todo o dinheiro que ganham no fim de safra em pinga e cerveja", imagina desdenhosamente.

Como patrões, eles são duros, implacáveis nos julgamentos e nas decisões. "Estamos com as listas de quem não gosta de trabalhar e fica fazendo greve", ameaça Vilmar Toniello, 46 anos, outro pequeno "gato" de Pitangueiras, que assim pretende estar-se defendendo dos novos tempos. "Quem faz greve na minha turma eu mando embora imediatamente, não vou ficar criando cobra para me mor- der." Embora apresente o discurso de um duro, Vilmar leva fama de "gato" correto entre os bóias-frias. Sua firma dispõe de dois caminhões, um de sua propriedade e outro de um sócio. Ele mesmo dirige seu caminhão aos canaviais, onde passa o dia supervisionando o trabalho de sua turma. "Eu também sou um bóia-fria", comenta, apontando para sua marmita, que come, como os trabalhadores, sem esquentar.